

# SALMÕES NO RIO LIMA

Pequeno estudo deste raro salmonídeo

por **ARISTIDES ARROTEIA**  
Desenhos de **Elder de Carvalho**

## BREVE APRESENTAÇÃO

Desde os primórdios da nacionalidade até, relativamente, há poucos anos, os montados eram ricos das mais variadas espécies cinegéticas e os rios plenos de peixes, os mais variados, alguns de categoria afamada e de primazia especial, tais como trutas, salmões, lampreias e sáveis.

Os nossos antepassados, nesse aspecto (e outros), foram bem mais felizes que nós. O progresso desenfreado, e em alguns casos controverso, os meios fáceis e a ganância desmedida das pessoas, levou muitas das nossas riquezas ao desbarato. E continua ...

Agora é o que se vê: nem caça nos montes, nem fauna piscícola.

A maioria das nossas gentes de Viana desconhece que o rio Lima, desde a foz até pela Espanha dentro (quando não existiam muralhas de betão armado ...), deu sempre guarida a uma espécie da mais elevada fama universal, hoje um autêntico luxo, dada a sua raridade — o *Salmão*, o rei dos peixes de água doce.

Mas não é um salmão qualquer, é o salmão do Atlântico (*Salmo salar*), o de maior porte existentes nos rios solmoneiros do Canadá, dos Estados Unidos da América e da Europa, o único que alcança os nossos rios, onde vem reproduzir.

Em rios da Escócia e Noruega já têm sido pescados destes peixes com 30 quilos, e mais. Em Monção, em Fevereiro de 1938, vi um com 22, pronto a seguir para o mercado de Lisboa.

Um pouco resumidamente vou apresentá-lo, servindo-me de outros trabalhos que já publiquei, pois estou certo de que ainda há quem esteja longe da vida bastante misteriosa e agitada, mas digna de interesse, deste salmonídeo, sempre sob estudo dos cientistas especializados.

Pintores, poetas, escritores e outros, dispensam-lhe o melhor da sua arte e saber. Todos os dias se fala de salmão, todos os dias se escreve sobre salmão, todos os dias a sua vida é acompanhada a par-e-passo com meticulosidade e observância, tal é a riqueza de motivos por ele proporcionados e a necessidade de conservar a sua existência.

## CURIOSA E EXCITANTE VIDA DO SALMÃO

O seu princípio, a partir de um pequeno ovo de 5 milímetros de diâmetro, de cor assalmonada, é excitante, é toda ela cheia de mistério e, por isso, sempre inédita dentro do enigma aventureiro da sua existência marítima.

O salmão nasce nos rios de águas frias e exigidas entre Novembro e Janeiro. A fêmea abre com vigorosas contorções e fortes impulsos da barbatana caudal e do ventre, revirando-se ora de um lado, ora de outro, uma fossa no cascalho e areão do leito do rio, com um palmo ou palmo e meio de profundidade, onde com fortes contracções deposita uns milhares de ovos logo fecundados pelo macho posto a seu lado, o qual expele nuvens de esperma. Esse salmão-macho antes de alcançar o seu lugar de favorito teve de lutar com outros pretendentes não menos apaixonados que ele.

A mandíbula inferior, mal deixou a água salgada, transformou-se numa espécie de enorme bico, com o qual não hesita em enfrentar qualquer adversário na época do cio. Nesse tempo tornam-se muito agressivos e travam combates, ferindo-se de modo grave e por vezes mortalmente.

Mal são fertilizados, a fêmea trata de cobrir os ovos, tapando-os o melhor que pode com o areão e cascalho, permanecendo no local sempre vigilante.

Retemperadas as energias por um repouso necessário, volta a abrir novo sulco e tornam a nova função, a qual continua a ser repetida e pode durar, em condições normais, cerca de oito a dez dias. Se por qualquer circunstância os salmões forem interrompidos e tiverem de alterar o seu acto reprodutor, por vezes, a fêmea perde os ovos que não chegam a ser fecundados pelo sémen do seu dilecto amante. Voltando a calma e a confiança tornam a organizar nova desovadeira.

Ambos — macho e fêmea — ficam exaustos e muitas vezes não sobrevivem após o acto reprodutivo. Os que sobrevivem ficam irreconhecíveis, uns farrapos de si próprios, metem nojo e é perigoso comê-los.

Pelas margens do rio Minho são conhecidos por «trancas» (em Portugal) e «dezancados» (do lado de Espanha), tal a maneira desfigurada como se apresentam.

O desenvolvimento do ovo varia com a temperatura da água, mas é vulgar, ao fim de 90 dias, começarem a nascer os pequenos alevins.

Estes permanecem no escuro, entre o cascalho protector, vivendo das reservas alimentares contidas no seu saco vitelino. Enquanto assim vivem encontram-se no período mais seguro da sua vida, pois quando findam as tais reservas, sobem à superfície com pouco mais de um centímetro e são imediatamente perseguidos e destruídos pela voracidade de outros salmões de geração anterior, por enguias, aves ribeirinhas e por outros peixes. Começa o martírio da luta pela vida.

Atinge pesos de 50 a 80 gramas, tem 15 a 19 centímetros de comprimento e 2 anos de idade. É altura de se apoderar dele uma modificação extraordinária, um incitamento o domina e orienta no abaixo, em direcção ao mar. Segue em cardumes, mas, coisa fascinante e curiosa!, marcha às arreguas, sempre de cabeça voltada para a nascente. Obrigado a partir por um impulso estranho, e ao mesmo tempo com vontade de ficar onde nasceu — o nosso salmãozito! Curioso, não é?

Contrariados e ao mesmo tempo obrigados a partir não hesitam: saltam todos os obstáculos, atiram-se de grandes açudes, enfrentam fortes e tenebrosas correntes. Nada os atemoriza, tem de ser e lá vão.

O ímpeto das águas começa a amaciar, a pouco e pouco são brandas, até se tornarem calmas. São salobras. Paragem para adaptação. Lenta mas progressiva. Dentro em pouco começa a aventura marítima. O gosto e o cheiro da grande massa de água salgada entontece e excita os pequenos salmões.

Da foz do rio donde partiram a sua existência passa a ser um grande enigma para nós, um mistério ainda por desvendar, embora os estudos persistam nos país evoluídos na piscicultura e neste ramo da biologia.

Sabemos da sua ida para o mar e que se dirigem para o norte, para as regiões frígidas do Cículo Polar Ártico. Têm sido localizados na Baía de Baffin, no estreito de Davis, no Golfo de S. Lourenço, no mar da Gronelândia e no mar de Barents. Presume-se que permaneçam nessas zonas onde encontram alimentação fácil, abundante e a seu belo paladar.

Águas ricas em crustáceos: uma enorme variedade de caranguejos, lagostins e camarões. O arenque entra também na sua dieta. Assim, com lauta e variada mesa atafulham os seus estômagos sempre insaciáveis, vão dando vazão a uma voracidade desconforme.

Em pouco tempo crescem e engordam muito. Ao fim de ano e meio, 2, 3 ou 4 anos de permanência no mar voltam ao rio onde nasceram com 4, 6, 8, 12, 20 e mais quilos de peso. Passado um ano de permanência no mar, de 15 ou 19 cm. passam para cerca de meio metro. Crescem e engordam vertiginosamente.

Tal como a sua permanência nas zonas árticas, o seu regresso é um mistério. Estudos e investigações contínuas ainda não encontraram respostas seguras quanto à vida deste *anádromo* enquanto deambula no seio marítimo. A viagem de retorno ao rio natal não passa de uma indispensável necessidade congénita, isto é, de se reproduzir. Na água salgada os ovos morreriam, portanto a sobrevivência da espécie seria fatal.

Supõe-se que a sua viagem de regresso está condicionada:

- a) Ao instinto de orientação, voltando pelo mesmo percurso que o levou ao destino quando saiu do rio;
- b) As correntes eléctricas de pequena voltagem existentes e vulgares nas águas salgadas;
- c) Pelo olfacto muito apurado e sobrenatural conhece as águas onde quer regressar, pois encontra nelas cheiro próprio devido à sua composição química.

É curioso observar como foi possível a este animal recordar, ou fixar durante tão grande ausência o cheiro ou atractivo especial das águas suas preferidas. Parece incrível que a Natureza conceda a determinados seres tão fantásticas como quase incríveis particularidades.

No rio Lima, como aliás no Minho, o salmão do Atlântico entra em épocas diferentes e por tamanhos. Um pormenor interessante: mal

entra em águas doces, e mesmo salobras, deixa de se alimentar, e assim continua enquanto nelas permanecer. Atrofia-se o aparelho digestivo para dar lugar ao desenvolvimento dos órgãos sexuais.

O salmão do Inverno começa a entrar a partir de Outubro. É sempre peixe grande, a partir dos 7 ou 8 quilos. Depois vêm os da Primavera. Entram por essa altura e são mais pequenos — entre os 5 e 9 quilos. Por fim temos os «santantoninhos», entram em meados de Junho, pelo Santo António. Mas pessoalmente tenho constatado pescarem-se salmões em pleno Verão com o aspecto de terem subido o rio recentemente.

O salmão sobe sempre, sobe até ao curso superior dos rios onde nasceu e aí procura dar continuidade à sua maravilhosa espécie. Assim, como foi alvo de toda a espécie de ataques quando, pela primeira vez, iniciou a sua enigmática viagem para o mar, nesta de regresso não o foi menos, pois, em especial nos rios, encontra toda a espécie de perseguição, mormente a que lhe move o homem com redes, móveis e fixas, arpões, barragens e poluições.

É esta a vida dos salmões do rio Lima, é esta a sua vida por todos os outros rios europeus.

### **TURNOS DE PESCADORES E SORTEIOS**

O rio Lima, cerca de Viana, no troço sob jurisdição marítima (da foz a Vila Mou), foi sempre muito pescado por indivíduos não totalmente profissionais nessa arte, utilizando os seus aparelhos habituais, hoje muito melhorados, especialmente desde o pôr ao nascer do Sol.

Em regra, organizam-se em três turnos, a partir da ponte metálica.

1.º *Turno* — Pescadores da Bandeira e Cais Novo;

2.º *Turno* — Pescadores da Meadela;

3.º *Turno* — Pescadores de Santa Marta.

Contudo, podem aparecer num ou noutro turno pescadores de áreas diferentes para os completar, caso haja faltosos.

Convém dizer que esses turnos são constituídos por 18 homens e 9 barcos. Cada grupo tem o respectivo «chefe de turno».

Antes da safra da lampreia, com início no dia 16 de Janeiro, um ou dois dias antes, e depois de vistoriados os barcos e aparelhos de pesca por autoridade marítima, são efectuados sorteios na Capitania de Viana.

O interesse deles é dar a conhecer qual dos turnos iniciará as suas actividades. Largam as redes em duas noites seguidas, mas se por qualquer circunstância um deles faltar essa noite conta como se tivesse pescado.

Normas já antigas, que se cumprem, caso contrário há sanções para os prevaricadores.

## **ARTES USADAS: LAMPREEIRA, SAVAL E TRESMALHO**

As redes atrás referidas são as utilizadas nesta área do rio Lima e conhecidas pela «arte de estacada», a qual é armada em locais diferentes, de harmonia com a amplitude das marés (gafas ou vivas), ora para montante ora para jusante.

A rede «saval», também conhecida por «esgana», é aparelhada mal surjam os sáveis no rio Lima, sinal de que as lampreias estão a rarear.

Essa arte de pesca, bem como o «tresmalho», rede não fixa, só pode ser usada do pôr ao nascer do sol. O «tresmalho» é manobrado por dois pescadores.

Ora é especialmente com estes dois últimos tipos de rede que, além de sáveis, e outros peixes, se capturam os salmões. E foi assim que sempre se pescaram, simplesmente agora isso constitui uma raridade.

Porém, todos os anos são pescados alguns. Mas anos há de alguma fartura, claro, uma fartura muito limitada.

Há cerca de sete anos, entre a Meadela e Barco do Porto pescaram-se cerca de 80; em 1966 uns 30; em 1968, entre Março e Maio, na foz do Lima (o que é proibido), pescadores da Ribeira, ao «tresmalho», apanharam 6 com pesos de 6 a 11 quilos, e junto à ponte metálica apanharam 1 de bom porte os homens de Santa Marta.

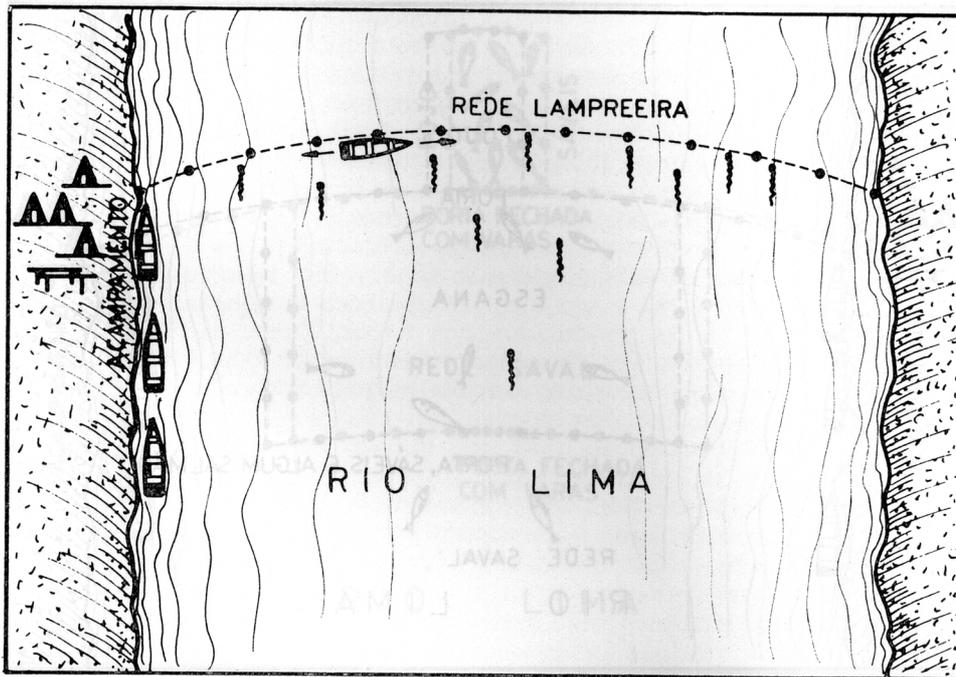
Há poucas dezenas de anos atrás, como referi no primeiro número destes «cadernos», era vulgar fazerem-se redadas belíssimas, às vezes de dezenas de exemplares.

As causas da sua escassez, por demais conhecidas e repetidas, são: a barragem do Lindoso, o enorme assoreamento do rio, a poluição devida a esgotos urbanos das povoações marginais, o excesso de pesca e processos utilizados e a falta de repovoamentos.

## **COMPILAÇÃO HISTÓRICA**

Diligenciei coligir elementos que me habilitassem historiar com a maior aproximação da verdade as actividades dos nossos pescadores fluviais de antanho, gostava, pelo menos, de reportar-me à era medieval. Mas, até agora, nada obtive que me desse plena satisfação. Tenho de me ficar, mesmo incompleto, pelos nossos dias.

A maioria das pessoas que, de viva voz, me poderiam ajudar já partiram para aquela viagem da qual jamais se volta. Estou a lembrar o Manuel Correia (o Chaveco), pescador profissional, da Rua da Bandeira, homem que se gabava de ver os olhos brilhantes e denunciadores das solhas enterradas na areia, tal era a sua prática dessa pesca; faleceu há pouco, com 80 anos de idade, e, segundo me contaram era pessoa sabedora de algo relativo a cenas de pesca do salmão neste «rio do esquecimento».



I

### REDE LAMPREEIRA

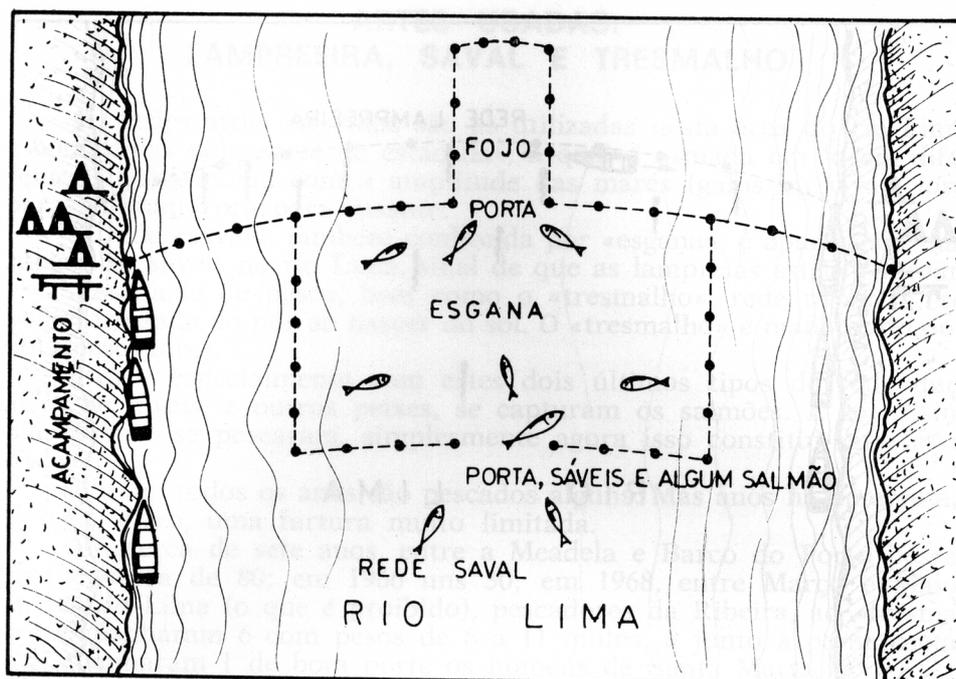
Como se depreende do desenho apresentado, esta arte de pesca, armada de margem a margem, do pôr ao nascer do Sol, é constituída por uma porção de pequenas redes (15/20 metros cada e 70 milímetros de malha), destinadas, em especial, à pesca da lampreia.

É uma autêntica «rede de estacada», pois as várias redes que a formam ficam seguras por muitas e fortes varas. Rede fixa.

Quando chega a altura própria, um barco com dois pescadores, percorre, de duas em duas horas, todo o comprimento da rede, para capturar, com um gancho apropriado e permitido pela autoridade marítima, as lampreias que se encontram junto desse quase intransponível obstáculo e não estão emalhadas.

Só quando a água começa a faltar se desmonta todo o conjunto para retirar os ciclóstomos presos e limpar as redes.

(Desenho de Elder de Carvalho)



## II

### REDE SAVAL

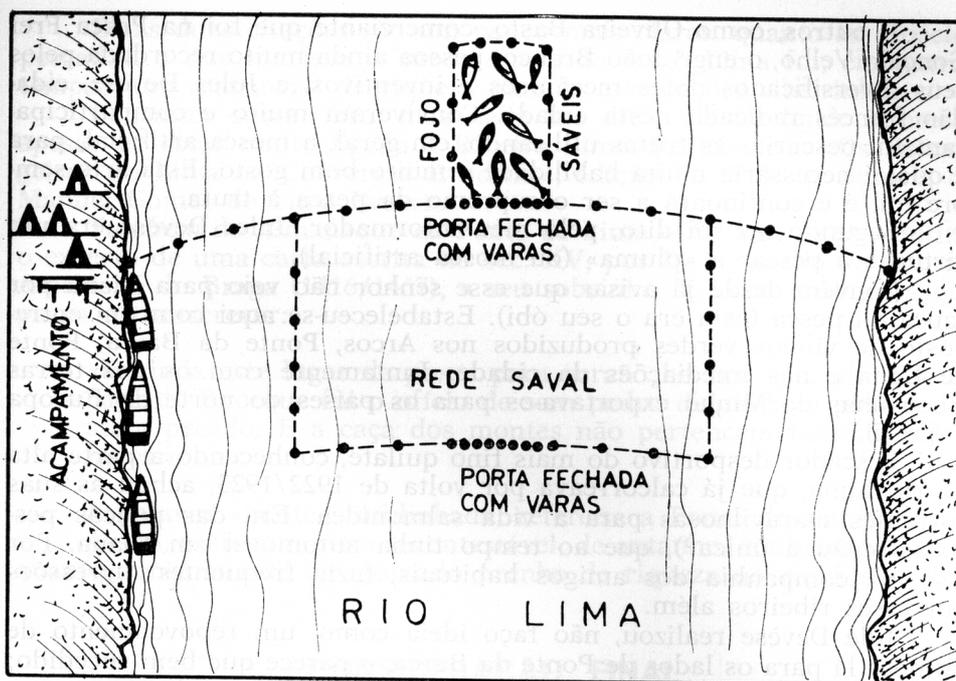
A «rede saval», também conhecida por «esgana», aqui figurada nos seus traços principais, é uma armação fixa disposta, como se vê, e com diversas redes de malha de 115 milímetros. Geralmente só tem início a sua utilização quando as lampreias começam a rarear.

É fácil perceber a indefesa vida dos sáveis, ou de algum salmão, mal entram pela «porta» armadilha.

Como complemento desta arte de pesca é colocada, a uns 400/500 metros para jusante, uma outra rede do género da «estacada da lampreia», também com malha de 115 milímetros, mas conhecida por «atravassadouro».

Esta tem por fim cercar, entre uma e outra, todo o peixe que a maré tiver trazido até a esse espaço. Por vezes, com o baixar da maré, o peixe até é apanhado em seco nos areais ou facilmente cercado em pequenos fundões isolados.

(Desenho de Elder de Carvalho)



### III

#### REDE SAVAL COM «PORTAS» FECHADAS

Este último desenho dá a ideia clara de como é preso na «rede saval» todo o peixe que entra na «esgana» e é empurrado («balado») à varada para o «fojo» depois de fechadas as «portas» com varas.

Aí preso fácil se torna baldeá-lo para o barco.

Como se pode concluir, estas incongruentes artes de pesca em qualquer parte do Mundo, são, entre nós, um modo legal de destruir espécies afamadas do rio Lima.

As malfadadas actividades funcionam entre 16 de Janeiro e 15 de Junho de todos os anos.

(Desenho de Elder de Carvalho)

E outros, como Oliveira Basto, comerciante que foi na Praça Frei Gonçalo Velho, o eng.º João Branco, pessoa ainda muito recordada pelos seus diversificados dotes mecânicos e inventivos, e Jules Devèse, cidadão francês radicado nesta cidade. Conviveram muito e participaram em pescarias às trutas utilizando, em geral, a mosca artificial, para a qual é necessária muita habilidade e muito bom gosto. Esta arte sempre foi, e continuará a ser o supremo da pesca à truta.

Segundo me foi dito, pelo meu informador, Jules Devèse era um virtuoso a pescar a «pluma» (ou mosca artificial).

Convém desde já avisar que esse senhor não veio para Viana por causa da pesca (esta era o seu óbi). Estabeleceu-se aqui com um entreposto de vinhos verdes produzidos nos Arcos, Ponte da Barca, Ponte de Lima e nas imediações da cidade. Juntamente com os das terras ribeirinhas do Minho exportava-os para os países do norte da Europa e Brasil.

Pescador desportivo do mais fino quilate, conhecendo a parte alta do rio Lima, que já calcorreava por volta de 1922/1923, achou as suas correntes maravilhosas para a vida salmonídea. Era das poucas pessoas (senão a única?), que ao tempo tinha automóvel em Viana. Por isso, na companhia dos amigos habituais, fazia frequentes digressões por esses ribeiros além.

Jule Devèse realizou, não faço ideia como, um repovoamento de salmões lá para os lados de Ponte da Barca, e parece que bem sucedido; depois de poucos anos passaram a ser feitas, nestas imediações, umas pescarias muito abundantes desse estupendo peixe. Ainda há quem se lembre de ouvir dizer que isso foi fruto dessa invulgar iniciativa.

Outras informações vagas obtive-as na «Corografia Portuguesa», Primeiro Tomo (1968), do P.º António Carvalho Costa, com estas breves referências:

*Capítulo II — Villa de Ponte de Lima*, página 175: «... e muito peixe no rio Lima, que aqui se vadea em barcos tres legoas para baixo, & huma e meya para cima ...»

*S. João da Ribeira*, página 177: «... no Poço de S. João muy celebrado por sua grande pesca.»

Como se vê não são feitas referências especiais às espécies piscícolas, mas não resta dúvida da fartura e qualidade.

Na mesma obra encontrei outras informações mais detalhadas, até demais.

*Capítulo VI — Villa de Ponte da Barca*, página 207: «O termo dá bons frutos de milho ... caça, pescas no rio Lima de salmoens, lampreias, relhos, trutas, bogas, escalos, salmonetes e saveis ...»

*Capítulo VIII — Concelho de Lindoso*, página 213: «... pescas de bogas, & trutas do rio Lima & Cabril.»

Estas duas citações são um pouco mais claras, quanto às espécies pescadas, o que me leva a supor que todo o rio Lima foi, em outros tempos, um manancial de riqueza para as populações ribeirinhas.

Consultei outra obra, mas nada me ditou de qualquer interesse apesar de estar muito ligada à Ribeira Lima. Refiro-me a «Os Estrangeiros no Lima ou Conversas Eruditas», edição de 1785, da autoria de Manuel Gomes de Lima Bezerra.

Também do Almanaque de Ponte de Lima — 5.º ano, 1923 — retirei o excerto de uma carta escrita no séc. XV, por D. Fernando da Guerra, Arcebispo de Braga (1416/1467), a seu sobrinho D. Lopo d'Almeida que passo a transcrever:

«E ainda este lugar de *ponte* para verão he boo specialmente de caça do Ryo que foi o ofício de sam pedro deque bem poso husar ssem pecado. E a caça dos montes não pertencem tanto aos prelados.»

A palavra «ponte», sublinhada, refere-se a Ponte de Lima.

Assim, mais uma nota incontestável, de antanho, confirmando tudo quanto pensamos de um passado prenhe de riqueza no rio Lima.

## CONSIDERAÇÃO FINAL

Nunca houve, pelo que me tem sido dado averiguar, quem se interessasse pelo estudo do *salmão*, e sua pesca, ao longo dos séculos, no nosso País. Alguma coisa foi dita quanto ao rio Minho, talvez por ser o que foi sempre mais rico desses peixes. Mas muito pouco.

Não admira, pois, que eu tenha encontrado pessoas vivendo junto do Lima que desconhecem a existência desse peixe, e outras que até lhe chamam «sável» ... De truta não admira, visto que quando adultos se confundem bastante.

Aproveitando as marés vivas e as cheias para melhor singrar na sua destemida e exaustiva viagem, o nosso salmão caminha durante a noite e pára de dia para descansar. Assim alcança a Central do Lindoso, já que dali para cima raros se afoitam.

Se não fossem os processos anacrónicos utilizados na sua pesca, que o impedem de alcançar os locais de reprodução, teríamos, apesar de tudo, ainda, no rio Lima, bastantes exemplares deste rico e extraordinário peixe. Não admira, portanto, termos presente uma exaustão desta espécie, e de outras, até há pouco tempo tão abundantes.

Este rio, devidamente repovoado e protegido, poderia ser o nosso melhor rio salmoneiro, especialmente do Carregadouro para a nascente, pois as suas águas não são das mais conspurcadas, são saltitantes e oxigenadas, com óptimos sítios para viver e reproduzir-se.

A pesca desportiva, nessa área, poderia ter apoio e regras de protecção, poderia atrair os apaixonados da modalidade; geralmente vão

a Espanha ao encontro do que cá não temos. A maior ambição do pescador desportivo, o almejado troféu, é pescar um salmão.

Considerando raros os exemplares entrados no Lima, contribuindo para tal as razões apontadas, mesmo assim, todos os anos, e com cana e carroto, são pescados alguns.

Um médico desta cidade e grande entusiasta por esta modalidade — Dr. Fernando de Freitas Rosa —, já teve a felicidade de trazer dois lindos salmões, pescados junto de Ermelo, um deles com oito quilos e pescado em condições difícilimas, tanto pelo material leve utilizado como pelas más condições em que, naquele dia, o rio se encontrava devido àquelas bruscas oscilações do caudal provocado pela barragem do Lindoso.

A sorte, onde a habilidade muito imperou, esteve do lado do feliz pescador. Outros também a têm tido, e mais a poderiam usufruir se houvesse condições que a proporcionassem.

A Estação Aquícola de Vila do Conde, há anos atrás, fez repovoamentos no Cávado, Lima e Minho, com pequenos salmões reproduzidos nos seus viveiros nascidos de ovos importados da Inglaterra. Tais lançamentos de salmõezinhos visavam, sobretudo, a sobrevivência da espécie e o seu estudo biológico, pois a cada peixinho era cravada, num dos opérculos, uma anilha de prata com os elementos de identificação.

Porém, a não ser no rio Minho, os referidos repovoamentos não resultaram por falta de condições favoráveis à vida deste belo salmãoideo. Apesar de tudo, a entidade acima referida vai insistindo.

Porque mesmo assim, todos os anos, alguns insistem e teimam em entrar no rio Lima, transpondo todos os obstáculos.

O prémio dos que vencem todas as dificuldades é desovar e morrer, tal é a sua irremissível sorte. Sim, por que depois do acto genético são raros os que sobrevivem.

\*

Terminando, esperamos ter podido fazer alguma luz sobre um peixe muito admirado em qualquer parte do Mundo, de que se ouve falar, mas que de um modo geral ninguém conhece e sabe existir no seio do rio que corre a seus pés.

Já depois de elaborado o presente trabalho, a Estação Aquícola de Vila do Conde remeteu-me elementos referentes a repovoamentos de salmões (*Salmo salar*) na bacia hidrográfica do rio Lima. Julgo interessante transcrevê-los:

|                   |        |
|-------------------|--------|
| Em 1976 . . . . . | 45 000 |
| Em 1977 . . . . . | 25 000 |

*N. do A.* — Para preparação de algumas passagens deste trabalho contactei com os Ex.<sup>mos</sup> Senhores Américo Pereira da Rocha e Manuel José Lopes, desta cidade, que me prestaram valiosas informações, e a quem testemunho aqui os meus agradecimentos.